

Atividade “dentro da porteira” sustenta resultado do PIB do agronegócio frente a retrações da indústria e insumos

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), apontou elevação de 0,06% em abril.

Esse resultado teria sido melhor não fossem as significativas contrações dos segmentos da agroindústria (-0,24%) e dos agrosserviços (-0,16%) que ainda sentem os efeitos da crise econômica (Tabela 1). Dentro da porteira, por outro lado, houve

expansão de 0,52% no mês. O segmento de serviços ficou praticamente estável, com variação de 0,01% no mesmo período.

Tabela 1 – PIB do Agronegócio: Taxa de variação mensal e acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
Abril/2017	-0,16	0,52	-0,24	0,01	0,06
Acumulado (jan-abr/2017)	0,08	3,75	-2,55	-0,66	0,05

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Esse bom desempenho “dentro da porteira” verifica-se desde o início do ano já que, no acumulado do quadrimestre (janeiro a abril de 2017), seu crescimento está estimado em 3,75%.

Por outro lado, a agroindústria aponta significativa retração (-2,55%) entre janeiro e abril desse ano. Já os insumos acumulam crescimento estimado de 0,08% e os agrosserviços uma retração acumulada de -0,66% no mesmo período.

No agregado, o crescimento do segmento básico foi quase que completamente anu-

lado pelo desempenho adverso “fora da porteira” resultando em um crescimento estimado, para o PIB do agronegócio, em 0,05% no 1º quadrimestre/2017.

Os resultados estimados para o mês de abril e para o acumulado do 1º quadrimestre/2017 para os segmentos agrícola e pecuário do PIB do Agronegócio são apresentados, respectivamente, nas Tabelas 2 e 3 a seguir.

No segmento agrícola, apenas o ramo primário segue em alta, tanto na variação mensal quanto acumulada (tabela 2).

Esse desempenho de destaque no ramo agrícola segue impulsionado principalmente pela maior produção esperada do segmento primário. Nas lavouras, as condições climáticas avaliadas até o momento seguem, de modo geral, favoráveis o que, aliado ao movimento de expansão de área, tem levado a boas perspectivas para a safra no ano. Por outro lado, os preços reais dos produtos do ramo estão em baixa na comparação de janeiro a abril de 2017 com relação ao mesmo período de 2016.

Tabela 2 – Segmento Agrícola: Taxa (%) de variação mensal e acumulada no período

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Agronegócio
Mensal	-0,35	0,68	-0,40	-0,13	-0,03
Acumulado (jan-abr)	-0,87	5,73	-2,79	-0,38	0,47

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Já no pecuário, a variação mensal aponta elevação em todos os segmentos, mas, o resultado estimado para o 1º quadrimes-

tre/2017 ainda assim aponta retração (tabela 3). Esse desempenho adverso no quadrimestre é reflexo de um recuo geral

dos preços, simultaneamente ao do volume de produção no segmento.

Tabela 3 – Ramo Pecuário: Taxa de variação mensal e acumulada no período (em %)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Abril/2017	0,22	0,25	0,32	0,29	0,28
Acumulado (jan-abr/2017)	2,01	-0,41	-1,75	-1,20	-0,92

Fonte: Cepea/USP e CNA.

SEGMENTO DE INSUMOS: Vendas de Máquinas Agrícolas e Rações iniciam o ano em alta

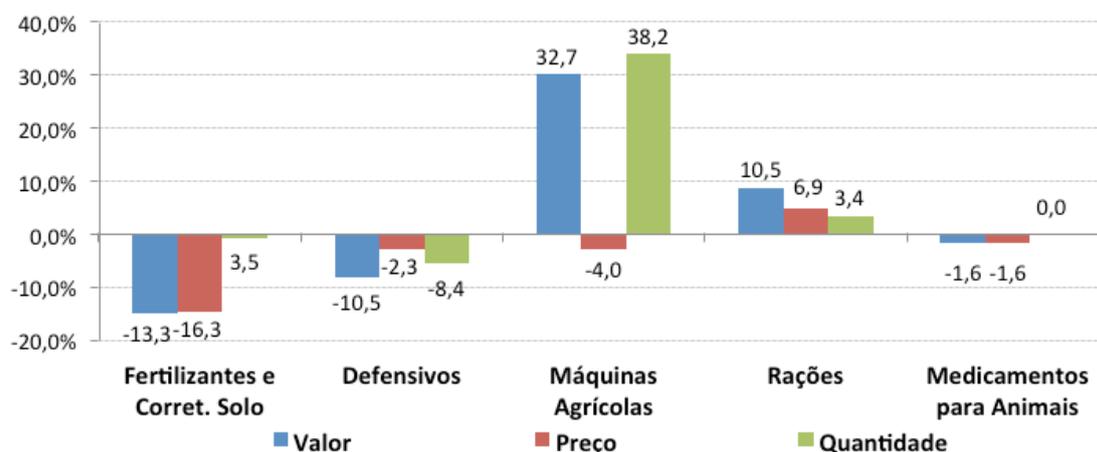
Em abril, o segmento de insumos apresentou queda de 0,16% com relação a março. Apesar desse desempenho mensal adverso, no 1º quadrimestre/2017 o segmento acumula alta de 0,08% e a projeção de desempenho para todo o ano,

comparativamente a 2016, segue positiva e em torno de 0,2%¹.

Entre tais indústrias, projeta-se crescimento no faturamento para máquinas agrícolas (30,3%) e rações (8,6%), e contrações para

as atividades de fertilizantes (-15%), defensivos (-8,2%) e medicamentos para animais (-1,6%). A Figura 1 a seguir apresenta a variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea.

Figura 1 – Insumos: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de abril/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

Nestes dados apresentados na Figura 1, segue em destaque o forte crescimento de produção da indústria de máquinas agrícolas em 2017 (38,2%). Segundo a ANFAVEA (Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores), os agentes de mercado avaliam que o setor vem sendo puxado pela confiança no crescimento da safra no País e no

bom desempenho da produção do setor agrícola, que incentiva a substituição de equipamentos por parte dos agricultores, conforme já destacado nos últimos relatórios. Vale mencionar, que o aumento relevante estimado deverá ocorrer sob um patamar reduzido, tendo em vista que a indústria vivenciou forte redução da produção entre 2014 e 2016.

Para a indústria de fertilizantes, destaca-se o menor patamar de preços registrado no quadrimestre. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, o menor patamar de preços para os fertilizantes reflete tanto os menores valores do produto no mercado internacional, quanto a redução da taxa cambial na comparação entre os períodos.

SEGMENTO PRIMÁRIO: Ramo Agrícola inicia 2017 em forte alta

O segmento primário do agronegócio evoluiu positivamente em abril, com cres-

cimento estimado em 0,68% para o ramo agrícola e de 0,25% para o pecuário. Esse

desempenho mensal ampliou a expansão - no acumulado do ano- no ramo agrícola

¹ Os resultados estimados mensais e do acumulado no 1º quadrimestre/2017 constam da Tabela 1. Já a projeção para o ano de 2017 consta da Figura 5 do Anexo I.

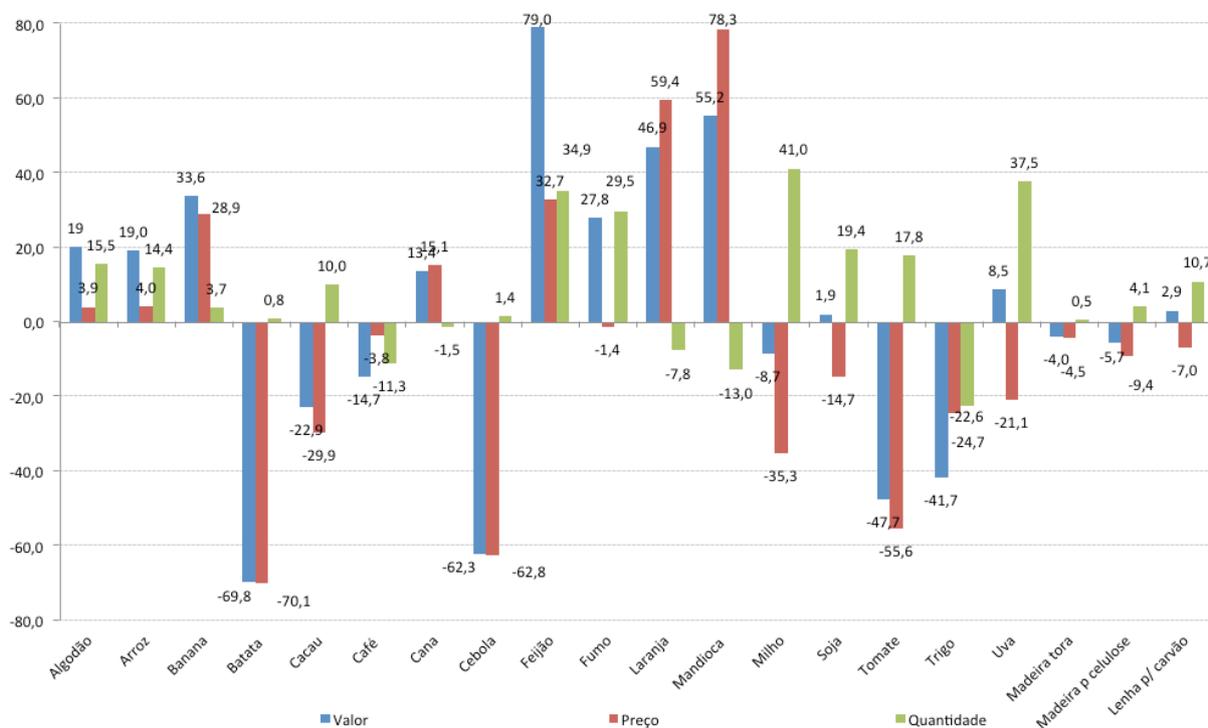
e amenizou a retração que ainda vigora no ramo pecuário. No 1º quadrimestre/2017 o crescimento do segmento primário agrícola chegou a 5,7% e o do primário pecuário ficou em -0,4% (Tabelas 2 e 3). Já para o ano, prevê-se crescimento de 11,6% no segmento primário do agronegócio, fruto de um crescimento agrícola acentuado (18,2%) apesar do recuo projetado de 1,2% para o ramo pecuário².

Tais resultados estão associados ao comportamento previsto, para o ano de 2017, dos preços, volume e faturamento das cul-

turas agrícolas, conforme constam na Figura 2 e na Tabela 4 ambas apresentadas a seguir. Destaca-se que, em geral, o aumento do faturamento do segmento primário deriva principalmente da maior produção – estima-se crescimento de 12,6% no volume de produção agrícola – diante da queda real de 3,8% dos preços médios do segmento (na comparação entre janeiro e abril/17 e o mesmo período do ano anterior). Voltando-se ao segmento primário da pecuária verifica-se queda tanto dos preços quanto da produção de, respectivamente, 2% e 0,04%.

Entre as culturas acompanhadas pelo Cepea para a evolução do PIB do segmento primário agrícola, espera-se crescimento do faturamento em 2017 para as culturas de algodão, arroz, banana, cana-de-açúcar, feijão, fumo em folha, laranja, mandioca, soja, uva e lenha e carvão. Já as culturas para as quais se espera uma queda de faturamento são: batata, cacau, café, cebola, milho, tomate, trigo, madeira em tora e madeira em tora para celulose.

Figura 2 – Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a abr/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algodão	Arroz	Banana	Batata	Cacau	Café	Cana	Cebola	Feijão	Fumo
Valor	19,9	19	33,6	-69,8	-22,9	-14,7	13,4	-62,3	79	27,8
Preço	3,9	4	28,9	-70,1	-29,9	-3,8	15,1	-62,8	32,7	-1,4
Quantidade	15,5	14,4	3,7	0,8	10	-11,3	-1,5	1,4	34,9	29,5
Itens	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva	Madeira tora	Madeira p celulose	Lenha p/ carvão
Valor	46,9	55,2	-8,7	1,9	-47,7	-41,7	8,5	-4	-5,7	2,9
Preço	59,4	78,3	-35,3	-14,7	-55,6	-24,7	-21,1	-4,5	-9,4	-7
Quantidade	-7,8	-13	41	19,4	17,8	-22,6	37,5	0,5	4,1	10,7

² Para as projeções anuais do segmento primário, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

Entre as culturas com crescimento esperado do faturamento, destaca-se a cultura da cana-de-açúcar, em que a variação positiva ainda é reflexo da elevação nas cotações reais, de 15,1% na comparação entre janeiro a abril de 2017 e o mesmo período de 2016. Todavia, a estimativa da produção para o ano de 2017 é de queda, de 1,5%. Segundo a Conab, mesmo com a expectativa de melhoria das condições climáticas na atual safra, que se reflete em boa produtividade, a menor área disponível para colheita nos principais estados produtores da região Centro-Sul será responsável pela menor produção.

No caso do feijão, a forte elevação no faturamento advém da estimativa de crescimento na quantidade produzida para o ano (34,9%) e do aumento real dos preços (32,7%). Segundo a Conab, as perspectivas para o feijão de primeira e segunda safra são positivas, em consequência de um aumento na área destinada à produção, como também um aumento na produtividade da cultura advindo de boas condições climáticas.

Para a cultura da soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre via estimativas de maior produção para o ano (19,4%), uma vez que, para preços, a comparação real entre janeiro a abril de 2017 frente ao mesmo período de 2016 apresenta queda de 14,7%. De acordo com a Conab, além do aumento na área de produção, o clima favorável nos diversos estágios de desenvolvimento das lavouras e os investimentos por parte dos produtores na cultura convergiram para produtividade média bem superior à observada na última safra. Com relação a preços, a equipe Soja/Cepea destaca que, em abril, observou-se o menor patamar no mercado desde julho de 2010, com pressão atrelada ao aumento da relação estoque/consumo final nacional e mundial – uma vez que as condições climáticas estiveram favoráveis tanto na colheita na Argentina, quanto na finalização dos trabalhos de campo no Brasil. No caso do algodão, o bom resultado é reflexo dos maiores preços para o produto em 2017, com aumento de 3,9% em relação aos quatro primeiros meses de 2016, e da expectativa de elevação de produção no ano, de 15,5%. A elevação da produção, segundo a Conab, tem origem nas condições climáticas favoráveis, que tem mais do que compensado a redução da área plantada da cultura na atual safra. Já com relação a preços, especificamente em abril, de acordo com a equipe Algodão/Cepea, o aumento advém da menor disponibilidade doméstica e da posição firme de vendedores, que estiveram com as atenções mais voltadas ao mercado

externo, dado o aumento nos preços internacionais.

Para a cultura do arroz, o aumento no faturamento é resultado do aumento na produção estimada para o ano (14,4%), acompanhado da elevação de 4% nos preços. De acordo com a Conab, a maior quantidade produzida deve-se ao aumento do plantio em áreas irrigadas. Com relação a preços, a equipe Arroz/Cepea indica que a demanda interna tem se mostrado retraída, mas, por outro lado, em abril se verificou elevação na demanda por contratos de exportação, o que trouxe novo ânimo para algumas beneficiadoras consultadas.

Para a laranja, o aumento no faturamento decorre de maiores preços (59,4%), diante de uma expectativa de redução da produção do ano (-7,8%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, em abril a colheita das laranjas precoces foi intensificada, tanto para suprir a baixa oferta quanto para aproveitar os bons preços observados no período.

Dentre as culturas para as quais se espera redução do faturamento anual, destaca-se o caso do café, que apresenta uma redução real de 3,8% nas cotações (na comparação entre janeiro a abril de 2017 e o mesmo período de 2016), bem como recuo de 11,3% na produção estimada para o ano. Segundo a Conab, a queda da produção e produtividade cafeeira é pautada principalmente pelo ciclo de bienalidade negativa, principalmente em Minas Gerais, maior estado produtor. Com relação às cotações, de acordo com a equipe Café/Cepea, houve grande desvalorização do arábica no decorrer de abril, devido à variação das cotações externas e também à pressão interna atrelada à proximidade da colheita da nova safra 2017/18.

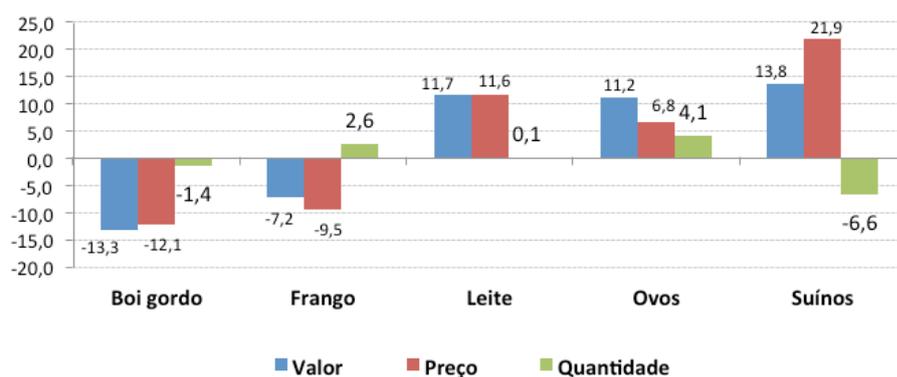
Quanto ao milho, o menor faturamento esperado se justifica pela forte queda dos preços (35,3%). Já na quantidade produzida, prevê-se aumento de 41%. Segundo a equipe Grãos/Cepea, apesar das reações no final de abril em algumas praças, a cotação média do milho encerrou o mês no menor patamar mensal desde setembro de 2014, em termos reais. Agentes de mercado também vem apontando que a alta produção vem se defrontando com problemas de armazenagem, que não evoluíram em investimentos na mesma velocidade da produção, causando problemas de distribuição e também pressão sobre preços.

Já para a cultura do trigo, a queda de 24,7% nas cotações reais na comparação entre o janeiro e abril de 2017 e mesmo período de 2016, em conjunto da queda estimada na produção anual (-22,6%), provocaram o decréscimo esperado no faturamento da cultura. Segundo a Conab, a redução na área plantada é explicada pelo preço do produto e pelos estoques da safra passada.

Com relação ao tomate, a queda no faturamento se deve à baixa nas cotações reais (55,6%), já que se espera um aumento na produção de 17,8% para o ano. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, em abril, os produtores de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo iniciaram a colheita da primeira parte da temporada da safra de inverno, aumentando a disponibilidade do produto no mercado.

Para o segmento primário da pecuária, a Figura 3 mostra a variação do faturamento, dos preços reais e das quantidades das atividades acompanhadas. Verifica-se alta no faturamento para leite, ovos e suínos, mas baixa para bovinos e frango.

Figura 3 – Pecuária: Variação anual estimada do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a abril/2017 em comparação com janeiro a abril/2016)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

Na atividade leiteira, os preços elevaram-se em 11,6% na comparação entre janeiro a abril de 2017 frente ao mesmo período de 2016, tendo a produção aumentado apenas 0,1%. De acordo com a equipe Leite/Cepea, em abril se verificou menor captação de leite, devido ao avanço da entressafra e à consequente queda na produção no campo, que elevou o preço recebido por produtores pelo terceiro mês consecutivo.

Na avicultura de corte, houve queda nos preços de 9,5%, na comparação entre períodos, enquanto a produção

apresentou aumento de 2,6%. Segundo a equipe Frango/Cepea, a queda dos preços decorreu da procura limitada, tanto pelo produto inteiro quanto os cortes, além de uma menor demanda internacional pela carne de frango brasileira.

Para a bovinocultura de corte, a queda nos preços foi equivalente a 12,1% - na comparação entre janeiro a abril deste ano e o mesmo período de 2016. Já para produção, avalia-se queda de 1,4%. Segundo a equipe Boi/Cepea, apesar na queda nos preços da atividade avaliada no período, verifica-se no mercado a

tendência de recuperação e volta a patamares mais favoráveis.

Na suinocultura, por outro lado, observou-se aumento nos preços reais, de 21,9%, com produção em queda (-6,6%). De acordo com a equipe Suínos/Cepea, apesar da alta verificada no período, especificamente em abril os preços do suíno vivo acumularam baixa devido a menor demanda por novos lotes por parte de frigoríficos.

SEGMENTO INDUSTRIAL: Produção e Preços em Queda

Em abril, o segmento industrial apresentou queda de 0,24% com relação a março. Esse resultado é reflexo da contração mensal de 0,40% no ramo agrícola já que o ramo pecuário apresentou alta mensal de 0,32%. Essa retração do segmento industrial em abril aprofundou a queda que o segmento vem observando no acumulado do ano encerrando o 1º quadrimestre/2017 em -2,55%. Ambos segmentos – agrícola e pecuário – também acumulam resultados negativos entre janeiro e abril de 2017, -2,79% e -1,75% respectivamente. Ou seja, o crescimento mensal do ramo industrial pecuário, apesar de posi-

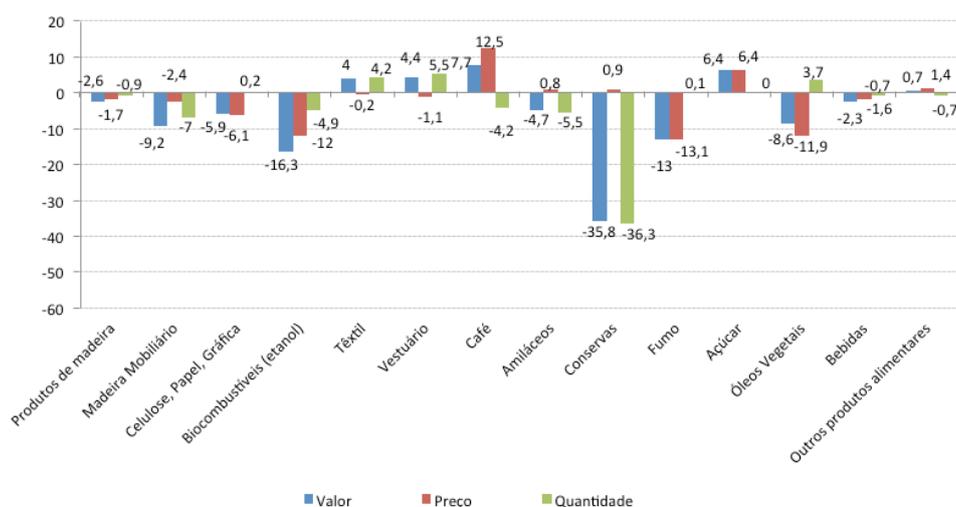
tivo, não foi suficiente para contrapor os resultados negativos do acumulado do 1º trimestre.

A projeção de desempenho para o ano permanece negativa já o segmento industrial demonstra ainda sentir, de maneira significativa, os efeitos adversos da crise econômica. No segmento agrícola da indústria, projeta-se queda de 4,6% no faturamento decorrente de recuos tanto dos preços reais (-3,1%) quanto da produção (-1,5%). Similarmente, para a indústria da pecuária, projeta-se redução do faturamento em -3,8% fruto de redu-

ção de 2,4% nos preços e 1,5% na produção.

Entre as indústrias de base agrícola acompanhadas pelo Cepea, verifica-se crescimento do faturamento para: têxteis e vestuário (de base natural), café, açúcar e outros produtos alimentares. Para todas as demais indústrias de base agrícola acompanhadas aponta-se para redução do faturamento. O comportamento das indústrias agrícolas analisadas com dados até abril/2017 é apresentado na Figura 4.

Figura 4 – Agroindústrias: variação (%) anual do volume, preços e faturamento – 2017/2016 com preços de jan a abr/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

Para a indústria açucareira, a expectativa na produção é de estabilidade em relação ao ano passado, enquanto que para preços se verifica aumento de 6,4%, na comparação entre os quatro primeiros meses de 2017 frente ao mesmo período de 2016. De acordo com pesquisadores

da equipe Açúcar/Cepea, a ocorrência de chuvas no mês de abril resultou em recuo da oferta do produto no mercado, mas este movimento não foi suficiente para que os preços aumentassem, visto que a demanda se manteve enfraquecida no mês. No mercado internacional, as

cotações vêm sendo pressionadas pela expectativa de recuperação da produção asiática.

Na indústria têxtil, a variação positiva do faturamento é decorrente do aumento na produção (4,2%), com leve queda

nos preços reais (-0,2%) na comparação entre períodos. Segundo informações da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), as indústrias do setor têxtil mostraram sinais de resistência à crise da economia brasileira e contam com expectativas de aumento de produção para 2017, conforme destacado em relatórios anteriores. Na indústria de vestuários também se avalia recuperação de produção, com alta de 5,5%. Vale ressaltar que tal crescimento ocorre após sucessivos anos de queda, para ambas indústrias.

Para a indústria do Café, os preços reais 12,5% maiores, na comparação entre pe-

ríodos, foram responsáveis por manter o faturamento positivo da indústria, haja vista o recuo de 4,2% na produção de 2017. Segundo informações da Abic (Associação Brasileira da Indústria de Café), a indústria vem incorrendo desde 2016 em dificuldades com relação ao suprimento da variedade conilon, o que tem elevado os preços e diminuído a produção.

Dentre as indústrias que apresentaram variação negativa do faturamento no período, destaca-se o mercado de biocombustíveis (etanol), com queda de 12% nos preços reais, na comparação entre quadrimestres. Para quantidade, a expectativa é de redução de 4,9%. Se-

gundo a equipe Etanol/Cepea, mesmo com o aumento da demanda por etanol no mercado paulista durante o mês de abril, os preços dos etanóis (anidro e hidratado) recuaram. A pressão veio do aumento da oferta e da maior disponibilidade de combustíveis no estado de São Paulo.

Por fim, o comportamento das indústrias pecuárias analisadas é apresentado na Tabela 5.

Tabela 5- Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação de carnes e pescado	Laticínios
Valor	-6,9	-5,4	1,6
Preço	-5,2	-4,8	5,5
Quantidade	-1,9	-0,7	-3,7

Fonte: Cepea/USP e CNA.

Verifica-se que, dentre as indústrias da pecuária, apenas laticínios apresentou variação positiva no faturamento anual esperado, estimada em 1,6%. Já as

indústrias de couro e calçados e do abate e preparação de carnes e pescado apresentaram, conforme dados dos quatro primeiros meses de 2017, queda

no faturamento esperado para o ano, de 6,9% e 5,4%, respectivamente.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: Ano inicia com retração dos serviços pecuários

Como observado na Figura 1, o comportamento do segmento dos agrosserviços no PIB do Agronegócio ficou praticamente estável (+0,01%) em abril de 2017 acumulando alta de 0,68% no 1º quadrimestre/2017. Entre os ramos, houve alta de 0,3% em abril e queda de 1,2% no acumulado para o pecuário. Já no agrícola, baixa de 0,1% em abril e de 0,38% no acumulado do quadrimestre. Para o ano, projeta-

se retração de 2% dada as baixas anuais esperadas nos ramos pecuário (-3,6%) e agrícola (-1,1%)³.

segmentos industriais (-2,55%) e de serviços (-0,66%).

CONCLUSÕES

Em abril/17, o PIB do Agronegócio apontou crescimento de 0,06%. Esse resultado teria sido melhor não fossem os desempenhos negativos dos segmentos da agroindústria

(-0,24%) e dos agrosserviços (-0,16%) que ainda refletem os efeitos da crise econômica. O desempenho dentro da porteira, por outro lado, destacou-se com expansão de +0,52% no mês. Já o segmento de serviços ficou praticamente estável, com

variação de 0,01% no mesmo período.

No acumulado do 1º quadrimestre e nas projeções para todo o ano de 2017 as evoluções, em curso e projetadas, seguem na mesma direção. Ou seja, o PIB do agronegócio apresenta um resultado modesto (+0,05% no 1º quadrimestre/2017) fruto do crescimento acumulado de 3,75% do segmento Básico, ou dentro da porteira, que tem sido anulado, quase em sua totalidade, pelo desempenho adverso dos

segmentos industriais (-2,55%) e de serviços (-0,66%).

Similarmente, as projeções para o ano atualmente (Julho/2017) indicam, com dados referentes até abril/2017, que o PIB do agronegócio deve encerrar o ano com modesto crescimento, na faixa de 0,14%. Tal projeção reflete a expectativa de um crescimento robusto de 11,7% do ramo primário do agronegócio associado às retrações de 7,5% da agroindústria e

³ Para a projeção anual do segmento de agrosserviços, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

de-2% dos agrosserviços. Os insumos devem crescer modestos 0,2%. Considerando-se os segmentos agrícola e pecuário, as projeções para 2017 apontam crescimento de 1,4% do primeiro e retração de 2,7% do segundo.

O bom desempenho, observado e projetado, para o segmento primário reflete as condições climáticas favoráveis. Aliado a isso, tem se observado movimentos de expansão de área em culturas de peso no agronegócio, reforçando as perspectivas positivas para a safra de 2017. Por outro lado - e em parte reflexo dessa expectativa de produção ampliada - os preços reais, para segment, apresentaram queda de 3,8% no ramo agrícola e 2% no pecuário, na comparação do primeiro quadrimestre de 2017 com mesmo período de 2016. Na agroindústria, seja para o segmento agrícola como para o pecuário,

houve queda não apenas de preço, mas também de produção.

Com relação ao PIB-volume do agronegócio, calculado pelo critério de preços constantes, ou seja, considerando-se apenas a variação do volume de produção, a taxa anual de crescimento apresenta-se em 3,9% na avaliação de abril/17 (Tabela A4 – Anexo I). Tal resultado é comparável ao PIB divulgado pelo IBGE e também indica, quando avaliado em conjunto com o PIB do Agronegócio (ótica da renda, conforme avaliado ao longo deste relatório – ver nota metodológica no Anexo I, A5) a grande influência da redução média real de preços dos produtos do agronegócio sobre a renda do setor.

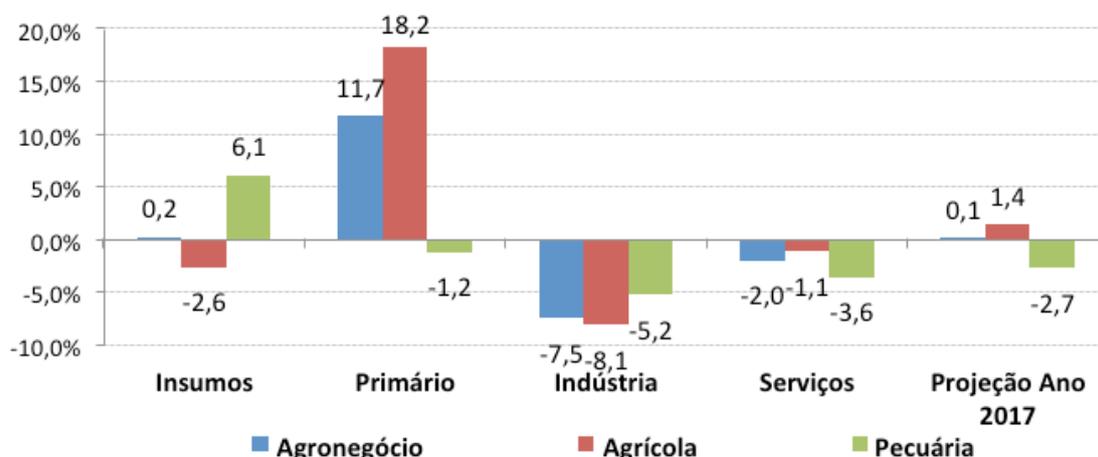
Com relação ao ambiente macroeconômico nacional, o cenário de estagnação e incerteza persiste. A economia segue

operando com alto nível de ociosidade e desemprego. Porém, o ambiente global favorável vem ajudando a minimizar tal contexto: os resultados da balança comercial (com grande influência dos produtos do agronegócio) continuaram robustos e a conta de transações correntes, que vinha desde o início do ano aprofundando seu déficit, reverteu tal trajetória.

De acordo com o boletim Focus do Banco Central (7 de julho de 2017), no mercado ainda há a expectativa de crescimento do PIB Brasileiro em 2017, de 0,34%. Também se prevê IPCA de 3,38%, abaixo do centro da meta do Banco Central (4,5%), e taxa de câmbio de R\$3,35 por Dólar para o fim do ano.

ANEXO I – PROJEÇÕES ANUAIS, TABELAS DE DADOS E METODOLOGIA

A1) FIGURA 5 - TAXAS (%) DE CRESCIMENTO DO PIB DO AGRONEGÓCIO 2017/16 COM PREÇOS DE JAN A ABR/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL, ACUMULADO DO PERÍODO E ANUAL (EM %)

AGRONEGÓCIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,25	1,35	-0,45	0,08	0,30
fev/17	-0,36	1,06	-1,19	-0,53	-0,26
mar/17	-0,35	0,77	-0,69	-0,21	-0,05
abr/17	-0,16	0,52	-0,24	0,01	0,06
Acumulado (jan-abr)	0,08	3,75	-2,55	-0,66	0,05
Variação Anual	0,2	11,7	-7,5	-2,0	0,1

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,25	1,35	-0,45	0,08	0,30
fev/17	-0,36	1,06	-1,19	-0,53	-0,26
mar/17	-0,35	0,77	-0,69	-0,21	-0,05
abr/17	-0,16	0,52	-0,24	0,01	0,06
Acumulado (jan-abr)	0,08	3,75	-2,55	-0,66	0,05
Varição Anual	0,2	11,7	-7,5	-2,0	0,1

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,25	1,35	-0,45	0,08	0,30
fev/17	-0,36	1,06	-1,19	-0,53	-0,26
mar/17	-0,35	0,77	-0,69	-0,21	-0,05
abr/17	-0,16	0,52	-0,24	0,01	0,06
Acumulado (jan-abr)	0,08	3,75	-2,55	-0,66	0,05
Varição Anual	0,2	11,7	-7,5	-2,0	0,1

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A3) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)**AGRONEGÓCIO**

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
mar/17	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
abr/17	0,05	0,30	0,28	0,37	1,00

RAMO AGRÍCOLA

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,31	0,34	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,30	0,34	1,00
mar/17	0,05	0,31	0,30	0,34	1,00
abr/17	0,05	0,30	0,31	0,34	1,00

RAMO PECUÁRIO

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
jan/17	0,05	0,31	0,22	0,42	1,00
fev/17	0,05	0,31	0,22	0,42	1,00
mar/17	0,06	0,30	0,22	0,42	1,00
abr/17	0,06	0,30	0,22	0,42	1,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A4) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio

Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
Ramo Agrícola	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00
Ramo Pecuário	0,05	0,31	0,28	0,36	1,00

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A5) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O

agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse con-

junto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e

governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

• **PIB-renda Agronegócio** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

• **PIB-volume Agronegócio**: PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento.

* **Nota técnica:** O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao

que se refere a meses e anos passados. Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado. Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resulta-

dos dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx> 

Boletim PIB é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



Compromisso com o Brasil

Responsáveis técnicos:

Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/ Paulo André Camuri



**CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E
PECUÁRIA DO BRASIL**

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Reprodução permitida desde que citada a fonte